

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

O CORPO E A IMAGEM: uma abordagem fenomenológica

Cristiane Berns¹

Vanessa Furtado Fontana²

RESUMO

O presente artigo faz parte das etapas do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE, de formação continuada, na disciplina de Filosofia. Tem como objetivo fazer um relato sobre a implementação de uma proposta contida na Unidade Didática "O CORPO E A IMAGEM: uma abordagem fenomenológica.". O público-alvo foram os alunos do Ensino Médio Integrado Técnico em Administração, do período noturno, da Escola Estadual de Dois Vizinhos, no município e Núcleo de Dois Vizinhos. Neste trabalho o propósito foi mostrar aos alunos que, a imagem e o vídeo possuem uma função bem maior do que se percebe. É preciso repensar a imagem de si enquanto corpo e enquanto objeto estético, questionando-se "O que é o corpo?" E como pensar o corpo numa visão mais atual sem torna-lo apenas um objeto entre outros objetos e ao mesmo tempo valorizar o interesse dos jovens em criar e transformar a realidade, direcionando-a a algo construtivo. Os resultados obtidos com a implementação, mostram a importância da realização de um trabalho nessa direção por parte da escola, especialmente na disciplina de Filosofia, auxiliando no desenvolvimento da possibilidade de conscientizar os alunos a melhorar as suas responsabilidades quanto ao uso de equipamentos de fotografia, repensando conceitos de corpo, imagem e percepção estética, colocando-os frente a um novo olhar em relação ao seu corpo, aos conceitos abordados e a alteridade.

Palavras-chave: Corpo; Imagem; Estética; Alteridade; Objeto Estético.

INTRODUÇÃO

A visão contemporânea do mundo assumiu transformações tecnológicas significativas, essas mudanças colocam o educador num papel muito mais complexo que meramente lidar com os conteúdos escolares, mas também inserir, questionar,

¹. Professora da Rede Pública Estadual do Estado do Paraná, de Ensino Médio. Professora cursando o Programa de Desenvolvimento Educacional- PDE. E-mail: filosofcris@seed.pr.gov.br

². Professora Orientadora. Instituição de Ensino Superior – IES. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus Francisco Beltrão. Doutora em Filosofia na área de Ontologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2013), Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (2007), Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2005).Email: fontanessa@gmail.com

refletir, mostrar um bom uso das tecnologias para subsidiar o estudo dos conteúdos escolares.

As inúmeras problemáticas surgidas com a inclusão do uso de tecnologias em sala de aula, como por exemplo, o celular, trouxe a tona uma discussão sobre um uso racional dessa ferramenta, pois seria fora de cogitação retirar essa tecnologia do estilo de vida cotidiana atual.

A realidade do Colégio Estadual de Dois Vizinhos, espelha esta necessidade de rever conceitos e suportes tecnológicos, uma vez que muitos educandos foram e estão constantemente envolvidos com problemas de divulgação da imagem e do corpo comprometendo, não só seu rendimento escolar, como dificultando ao ser humano uma compreensão totalizante e atual de sua corporeidade.

O estudo pretende desenvolver uma oficina de arte e intervencionista com os alunos, dirigida e ensaiada por critérios estabelecidos, respeitando as normas digitais, colocando-os frente a um novo olhar em relação ao seu corpo, aos temas de estudo da Filosofia Estética, a alteridade, dando-lhes oportunidade de fazer uso do celular e máquinas digitais que a escola possui e demais equipamentos que fazem parte do acervo tecnológico da escola.

Este trabalho tem por objetivo, reelaborar o conceito de corpo, imagem e objeto estético. Imagem de si enquanto corpo e imagem artística.

É comum entre os adolescentes educandos, publicarem e compartilharem fotos e vídeos, de autoria própria ou não (muitas vezes de desastres, mortes, crimes ou pornográficos) nos quais fica possível verificar a falta de percepção da alteridade. A necessidade e uso que os adolescentes desenvolveram em relação à criação de vídeos caseiros e fotografias, por meio de aplicativos de celular, na qual sua imagem, ou de outrem, são divulgadas (muitas vezes sem conhecimento ou autorização), rapidamente expostas às diversas situações, nos coloca a refletir, numa abordagem fenomenológica do corpo e da imagem, qual tipo de entendimento que os jovens têm de seu corpo e de seu lugar no mundo, e como transformar esta visão que possuem. Como pensar o homem no mundo atual? Quem é este sujeito? O que é o corpo? Que imagens têm de si enquanto corpo e objeto estético? O que seria este corpo materializado numa imagem fotográfica? O que é a imagem?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pensar o corpo e tentar descrever sua dimensão não é tarefa fácil, muitos foram os conceitos dados ao “corpo” e à “imagem”. Em Descartes (1596-1650) parte do cogito (pensamento) que está em seu interior, para alcançar uma verdade, colocando em dúvida a sua própria existência para chegar a uma certeza sobre a concepção de homem. Este pensar cartesiano sobre a problemática “homem” considera duas principais substâncias existentes, que são o corpo e a alma, unidos fundamentalmente porém distintas entre si.

Investiga-se em que momento na contemporaneidade esta concepção de corpo ainda está presente e “o que é o corpo?”.

Com bases fenomenológicas em Merleau-Ponty, compreende-se o sujeito, o corpo e a alteridade, permitindo-se um recorte em Mikel Dufrenne que trata da experiência estética; David Le Breton que aborda o corpo numa perspectiva da ética social e Alice Casanova Reis que afirma na experiência estética uma nova possibilidade de construir-se socialmente. Por fim definimos imagem e imagem técnica em Flusser.

O homem é o seu corpo, sua forma de relacionar-se com o mundo, inserindo-se no mundo se dá pelo corpo, mas é preciso refletir sobre as possíveis relações entre o corpo e a subjetividade. Baseando-se na fenomenologia de Merleau-Ponty, vamos analisar o conceito de corpo próprio, corpo como expressão e corpo como obra de arte, apresentados em sua obra “Fenomenologia da Percepção” articulando-os com a subjetividade.

Corpo para Merleau-Ponty, numa crítica ao dualismo cartesiano, é deslocar a subjetividade da interioridade para a corporeidade, onde o sujeito se concretiza no corpo, por suas vivências, movimentos, percepções e criações.

Merleau-Ponty não sistematizou uma Filosofia a cerca do corpo, mas todas suas obras perpassam pelo pensamento conceitual de corporeidade, em “Fenomenologia da percepção” (1945) o corpo aparece como o sujeito da percepção, contrapondo-se ao pensamento científico clássico do corpo como objeto.

Em Ponty, a percepção que se dá através do contato corporal do homem com o mundo, teorizado como corpo próprio, é o meio de transporte do verdadeiro Cogito que reconhece seu próprio pensamento como parte deste corpo, revelando-se como “ser-no-mundo” (Merleau-Ponty, 2006, p.9), levando-nos a repensar a subjetividade,

em sua corporeidade, sustentando a ideia de que não tenho um corpo, o corpo não é a morada do sujeito, não é algo de que possa me despir, desvincular, mas sou meu corpo.

Considerando que o humano não interpreta somente a si mesmo, mas o outro e os signos do mundo, já não é um Cogito no sentido cartesiano, mas uma existência desvelada pela exegese de sua própria vida passa a tomar consciência de si mesmo e do mundo através do corpo próprio, e esta mostra que a compreensão do mundo é apreendida, gradativamente, por um sujeito que se compreende interpretando a alteridade e os sinais e signos do mundo. O homem enquanto ser-no-mundo toma consciência de seu corpo na medida em que apreende comportamentos, experiências e ações como sendo suas.

Nesta perspectiva apresenta-se o conceito de corpo-próprio, com este conceito Merleau-Ponty, reage às antinomias cartesianas (Descartes 1596-1650) entre pensamento e extensão, pois nesse sentido existe-se como coisa ou como pensamento, ficando difícil reconhecer-se como subjetividade e corpo ao mesmo instante, Ponty ultrapassa tais conceitos e compreende que o corpo revela-se como primeira projeção de sentido no mundo, existindo, para tanto como corpo próprio, em primeira pessoa: “o corpo é nosso meio geral de ter um mundo”. (MERLEAU-PONTY, 2006 p.203).

Nesta leitura, o corpo vem para o primeiro plano, em como o homem percebe o mundo e a si mesmo no mundo.

Um exemplo, de corpo próprio é a motricidade, pois pelo movimento, meu corpo se situa no mundo, se posiciona em relação às coisas e como síntese desse corpo próprio emerge a consciência de si, a subjetividade: “Ser uma consciência, ou antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles.”

(MERLEAU- PONTY, 2006, p.142).

Compreender o corpo, por sua subjetividade é pensar a capacidade expressiva do corpo, pois nele não estão apenas a idade, cor, sexo, etc..., mas também situações singulares a cada pessoa, sua corporeidade. O corpo, com suas múltiplas formas de expressão, seja no trabalho, escola, cotidiano e até nas artes, se expressam e estas práticas sociais significam sua subjetividade, quando dissociada da corporeidade pode resultar numa significativa destruição da imagem de si e de seu corpo. A corporeidade se mostra efetivamente pelos sentidos e a subjetividade

são as experiências que surgem de um corpo e para o qual criam a consciência. A subjetividade, portanto, é o maior problema para Ponty.

O corpo é um espaço expressivo, possui presença e espacialidades efetivas, a nossa experiência de mundo se desvela no próprio espaço objetivo no qual o nosso corpo toma consciência e ganha uma dimensão que não separa o mundo dele mesmo. Não é uma capa expressiva de si, muito se pode inferir a cerca de uma pessoa, pela simples observação de como ela se coloca no mundo, como gesticula, caminha, se senta à mesa, se veste, como olha para as pessoas, tom de voz, para Ponty “se o corpo pode simbolizar a existência é porque a realiza e porque é sua totalidade”. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.227).

Merleau-Ponty visa à comunicação, como movimentos e gestos tem o poder de significar algo. A capacidade expressiva do corpo sustenta também a ideia de subjetividade.

O corpo se expressa. Fala. Dialoga. Quando fala, não fala sozinho, fala com alguém, para o outro, sua essência é dialógica, assim se revela: o social. Se como corpo estou conectado ao mundo, em relação aos outros, convivo em sociedade.

Por essa sua capacidade expressiva, o corpo é facilmente comparado à obra de arte.

Para Merleau-Ponty o conceito de intercorporeidade representa este ponto de relações entre os afetos e os sentidos, onde dá-se a comunicação interpessoal, gestual e onde a intersubjetividade se concretiza, assim “o homem é espelho para o homem”. (MERLEAU-PONTY, 2004, p.23)

A intercorporeidade é a intersecção entre eu e o outro, onde se dá a comunhão dos sentidos, uma indivisão.

Há no corpo um aspecto simbólico. “Toda arte é corporal porque o artista se encontra corporalmente situado no mundo” (ANDRIOLO, 2005, p. 45) e nessa oferta de seu corpo ao mundo que o artista transforma o mundo em arte.

Pela obra de arte o espectador vê e por sua percepção sensível ao mundo emerge a arte.

É na pintura que Ponty compreende que a arte se faz ver por si mesma, pois é neste aspecto que o corpo é obra de arte:

“Um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por contato direto, e que irradiam sua

significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes.” (MERLEAU-PONTY, 2006,p.209).

A essa dada compreensão, Dufrenne define percepção sensível e intencionalidade.

Muitos são os representantes da fenomenologia que dedicaram suas reflexões à estética. Se em Merleau-Ponty encontramos estudos e definições ao pensamento estético, em Dufrenne a estética é sua filosofia central.

Na coletânea “Estética e Filosofia”, com o artigo “Intencionalidade Estética” Dufrenne sustenta que é na união entre sujeito e objeto que nasce a noção da intencionalidade, pois é nessa relação que se dá a percepção estética que não se situa no objeto puramente, mas na relação sensível do sujeito sobre o objeto, se dará tal percepção.

Para Dufrenne intencionalidade fenomenológica é, por exemplo, numa cena de teatro real – ator, sala, cenário; irreal – a estória; Mas quando passo a ter contato com a peça teatral o irreal passa a ser real e passo a participar envolvendo-me sem ser enganado, mas o que é real e me envolve é justamente o fenômeno. O objeto estético é apreendido como real sem remeter ao real.

Na introdução a “Fenomenologia da experiência estética” Dufrenne explica o que é experiência estética e objeto estético. Para ele objeto estético difere de arte, pois o objeto estético é o que se constitui sob o olhar estético do indivíduo. A obra de arte através da percepção estética se torna objeto estético. A descrição do objeto estético envolve três campos noemáticos: Sensível (sentimento); O Objeto (representação); e Mundo Expresso (presença).

O objeto estético não existe sem a percepção estética e vice-versa. O objeto estético está ligado à subjetividade do espectador e também do criador. Do espectador solicita a percepção e do criador a criação que se exprime no objeto de arte.

A experiência estética inicial é do espectador, onde este tem a responsabilidade de consagrar a obra salvando a verdade do artista da obra.

O objeto estético é o que é percebido, o que é aspirado pelo ser humano o “noema”.

Husserl em sua obra “Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica” distingue noema de noésis: noésis são as vivências da consciência e noemas, os correlatos da consciência.

Dufrenne compreende que tanto o objeto estético quanto a obra de arte possuem o mesmo noema, mas noésis diferentes reconhece que a experiência estética é uma invenção recente, mas contempla o fato da percepção de toda obra de arte manifestar uma essência que necessita de um receptor a fim de liberar sua essência.

É pela experiência estética que se pode afirmar a arte como linguagem universal. Toda obra de arte permite tirar-lhe a essência é quando o espectador percebe a obra de arte, manifestando neste a experiência estética.

“Nós partimos do fato de que, por um lado há obras de arte, de outro lado há atitudes em face das obras de arte.” (DUFRENNE, 1953, p 13).

Dufrenne vê um problema na arte contemporânea, que não mais se refere a um repertório de categorias fixas e universais. Não há mais a necessidade de conhecer a estética e o belo teoricamente, pois não há teoria a ser feita e sim algo a conhecer, de tornar-se verdadeiro. Basta saber o que diz o objeto, ter uma percepção adequada do objeto, que não tem outro fim senão seu próprio objeto.

A percepção estética se dá quando a obra de arte é percebida, diferente de quando a obra de arte é estudada e analisada: uma coisa é a compreensão analítica da obra, outra é a interação humana com a obra.

A experiência que temos de uma paisagem natural é bem diferente de quando vemos esta pintada em um quadro, pois numa paisagem natural somos envolvidos e integrados no devir natural do mundo, a atitude perante a obra de arte é uma e diante da natureza é outra: estar na obra e se comprometer com ela é reconhecer-se parte, ter consciência, é visar algo.

Sua preocupação está voltada no caráter de sentido da obra de arte, como fenômeno – como o objeto diz algo da essência humana e em como essa essência pode ser percebida pelo receptor. Quando cobramos do receptor, exigências para compreender a arte, voltamos às concepções de corpo e imagem que este receptor possui.

Estas concepções não surgem do cotidiano corriqueiro ou senso comum, nascem do envolvimento corpóreo na relação com as coisas no mundo, na relação com os objetos e das impressões que ligo com esse mesmo mundo que vivencio.

Na atualidade não temos espaço para discutir o corpo. Seja em casa, no trabalho, no cotidiano, escola..., estamos sufocados pelas questões pragmáticas da vida e a vida com sua corporeidade fica sem espaços para todas as inquietações que a envolvem.

David Le Breton, em sua obra “Sociologia do Corpo”, preocupa-se com esse descaso em relação a alimentar nossas necessidades subjetivas e da corporeidade. Esta é uma obra destinada à compreensão do corpo humano e sua relação com a sociedade. Este instrumento de representação faz parte de estudos que sugerem algumas atitudes e modificações de comportamento do indivíduo comum.

Ele afirma: “Quando a sociedade é incompetente em sua função antropológica de orientação da existência, resta interrogar a morte para saber se viver ainda tem sentido.” (DAVID LE BRETON, 2007 p.89).

Pois quando minha existência grita por reconhecer-se “o real tende a substituir o simbólico”. (LE BRETON,2007 p.88)

A arte é e será uma possibilidade em que o corpo possa ser discutido e a nova concepção de imagem artística de si possa auxiliar em tais discussões. Pela arte, o indivíduo se afasta daquilo que o coloca numa situação de risco.

Le Breton afirma: “A paixão moderna pelas atividades de risco nasce da profusão dos sentidos que o mundo contemporâneo sufoca” (LE BRETON,2007 p88).

Alice Casanova Reis, em seu artigo “A experiência estética sob um olhar fenomenológico”, cita que:

“Não podemos esquecer que um objeto, por ser produzido pelo homem, pauta um modo de comunicação social entre sujeitos. Pois o criador, por meio de sua obra, fala a um espectador, transmite-lhe alguma mensagem que ecoa em seu corpo: o sentido da música não vive nela mesma, mas entra nos ouvidos e reverbera no corpo de quem se abre para escutá-la. Ela comporta sempre uma abertura ao outro. (A.C.REIS, 2011 p.84).

Fica claro assim, nossa natureza social, que oportuniza ao sujeito uma reflexão sobre sua percepção nas relações sociais, onde ele mesmo se constitui como ser social e como interage com os outros, em como percebe e vê-se percebido.

Aqui neste momento o sujeito entra em contato com a alteridade, o inesperado, o novo, o diferente, numa percepção criativa e sensível, diferente de como se comportava cotidianamente.

Compreender que o sujeito e sua realidade são socialmente construídos nos permite não só numa reconstrução deste sujeito, como também,

“entender de que modo ambos podem ser reconstruídos a partir de relações mais igualitárias, segundo uma ética em que o outro seja reconhecido como legitimamente outro, onde todos possam ter uma vida digna e atingir um equilíbrio biopsicossocial”. (A.C REIS, 2011 p.85)

Toda mudança exige de nós algo, principalmente um novo olhar sobre nossa própria realidade. A experiência estética pode sim, contribuir para esse novo olhar, aberto e sensível ao diferente, vislumbrando novos sentidos, dando possibilidades de reconstruir seu mundo.

É preciso tornar-se agente de sua história! Pela experiência estética é possível que encontre um caminho onde transforme si mesmo, transformando sua sociedade,

“ um caminho que implica os sujeitos em perceber possibilidades outras de ver e viver, comprometidos com uma estética da existência que reconhece a realidade não como um dado definitivo, mas como um movimento de criação constante em que todos podem participar.” (A.C.REIS ,2011 p.85)

Esse movimento de transformação não se distancia do mundo e de suas transformações, precisamos também entender as transformações sociais que envolvem um mundo estarecido com o avanço técnico e tecnológico.

Diante de múltiplos mecanismos de imagens e referenciais estéticos, produzidos com o apoio das tecnologias, cito aplicativos de celular que nos permite filmar, fotografar e filtrar um novo ideal de corpo e imagem estética; precisamos nos perguntar: o que é imagem?

O filósofo tcheco brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) escrevera um texto denominado “Filosofia da caixa preta”, onde considera urgente tornar a fotografia objeto de estudo, pois tece uma história com registros a partir da interação social das imagens, ainda estabelece uma diferenciação entre imagem tradicional e imagem técnica.

Flusser denomina:

“ imagem técnica aquela que é produzida por aparelhos. Em um percurso Orientado pela noção de decodificação, ou decifração do processo fotográfico... imagem técnica aquela que perpassa o texto: ontologicamente, as imagens tradicionais imaginam o mundo; as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo (...). (FLUSSER, 2011, p.24)

Nesse caminho podemos pensar a fotografia, como uma possibilidade de alterar a perspectiva de leitura em relação ao conceito de imagem, trazendo à este conceito muito mais possibilidades de imagem artística, construída pelo homem “corpo próprio” (PONTY, 2006) do que simplificar a imagem como mero objeto.

Flusser entende que a fotografia não é um instrumento como a máquina, pois seu funcionalismo ensaia a composição de um “*homo ludens*” (cifra do autor). De acordo com Flusser:

“o carácter mágico das imagens é essencial para a compreensão de suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens eternalizem eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialética interna da imagem, própria a toda mediação.” (FLUSSER, 2011 p.17)

Nessa dialética entre homem e imagem, Flusser sugere que se faça uma inversão, colocando a imagem como função do mundo, procedida por uma vida em função da imagem, onde o mundo possa ser vivenciado por um “conjunto de cenas”.

Para Flusser a fotografia permite construir a ideia de corpo, pois aponta o fotógrafo, como aquele que se depara com a dificuldade para refletir sobre sua práxis, onde sua própria definição a do que é ser fotógrafo é colocada em xeque, pois a qualquer momento qualquer pessoa poderá fazer uso de sua imagem ou editá-la.

E é assim, pela fotografia que iremos compreender o próprio significado de corpo, imagem, objeto estético e o compromisso ético e social em filtrar pelas imagens possibilidades de construção deste homem em sua integridade e corporeidade.

A realidade passa a se formar a partir do que aparece ao pensar e agir humano e sobre essa possibilidade FLUSSER conclui: “(...) os vetores de significação se invertem. Não é mais o pensamento que significará a coisa extensa; é a fotografia que significa um ‘pensamento’.” (2011, p.85).

Flusser descreve o fotógrafo:

“ gente que já vive o totalitarismo dos aparelhos em miniatura; o aparelho fotográfico programa seus gestos, automaticamente, trabalhando automaticamente em seu lugar; (...) seu pensamento, desejo e sentimento tem caráter fotográfico, isto é, de mosaico, caráter robotizado; alimentam aparelhos e são por eles alimentados (...)” (FLUSSER, 2011 p. 99)

Mas concorda que se a atitude de fotografar for conscientizada o próprio significado de imagem, fotografia ou espetáculo se refere a outro sentido: “caminho da liberdade” (proposição flusseriana).

IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA

A implementação deste projeto ocorreu com estudantes do Ensino Médio Integrado Técnico em Administração, período noturno, do Colégio Estadual de Dois Vizinhos, no Núcleo Regional de Dois Vizinhos.

No primeiro momento apresentou-se o projeto com seus objetivos e o cronograma a ser cumprindo. Na sequência os alunos foram convidados a observar uma imagem para sensibilização do conceito de percepção estética, respondendo “o que vê?”; “O que pensas disso?” e então foram orientados a ler o texto 1: Fotografia e mídias sociais (texto original de Goldberg, Leonardo.) e o texto 2: Percepção estética; Respondendo “O que fazes com isso?” Após as leituras elaboraram um conceito para “imagem” e saíram a campo fotografar situações conceituais em torno de “Imagem”.

Num segundo momento, observando uma imagem para refletir sobre o conceito de corpo os alunos foram novamente provocados a descrever oralmente “o que vê?”; “O que pensas disso?” Em seguida orientados a ler o texto: O corpo em Merleau-Ponty, sendo novamente provocados a refletir sobre “O que fazes com isso?” Após a leitura e observação elaboraram um conceito para “corpo” e saíram a campo fotografar situações conceituais em torno de “corpo”.

O terceiro momento foi onde se discutiu o conceito de fotografia, observando imagens que permitissem tal inquietação, seguidas mais uma vez dos questionamentos “O que vê?” “O que pensas disso?”, lendo o texto: O que é ser

fotógrafo? (texto original de Goldberg, Leonardo). Dez imagens foram apresentadas para em grupos os alunos refletirem sobre os conceitos estudados.

O quarto momento foi a vez de preparar os alunos para serem fotógrafos, com o uso do laboratório de informática os alunos acessaram o site <http://www.eduk.com.br> e cadastraram-se num curso online de fotografia com direito a certificação, já acessando e realizando as etapas do curso.

Para o quinto momento os alunos selecionaram suas fotografias e apresentaram em forma de seminário aos seus colegas em sala de aula. Cada aluno escolheu cinco imagens que conceituassem “Imagem” e cinco imagens que conceituasse “corpo”. Após serem apresentadas à turma, promoveu-se uma exposição dessas fotografias digitais à comunidade escolar, tornando o aluno protagonista de seu aprendizado!

Os alunos gostaram muito das atividades e tiveram total envolvimento e interesse nos textos que sempre motivavam para um olhar fotográfico. E expor suas fotografias fez deles estarem no centro das atenções ficando visível a satisfação com o resultado final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos acreditar que nossos educandos estão sempre com sede de conhecimento, porém sentem necessidade de conhecer àquilo que está à sua volta. Assim, este projeto ocupou a curiosidade de cada um de uma forma que os fez ver com outros olhos suas intenções de mídia e divulgação de imagens de si e do outro. Foi um espaço riquíssimo de produção de conhecimento filosófico uma vez que o educando foi provocado a pensar seu corpo e que imagem tinha deste corpo, praticando a fotografia num constante repensar sobre a “imagem” o “recorter” de imagem que lhe interessava. E a fotografia com o uso do celular passou a ser àquilo que estava a sua volta, provocando-lhes necessidade de conhecer.

Os resultados obtidos com o trabalho realizado foram positivos. Tomando-se como base o interesse dos alunos nas aulas ministradas, onde puderam produzir suas próprias fotografias e mais que isso expô-las à comunidade com segurança e certeza de não denegrir, ferir ou descuidar da imagem do outro.

Acredita-se que esse trabalho uniu a teoria à prática, deixando a sala de aula para desbravar espaços da escola e ter percepções até então despercebidas em relação ao tema estudado

Durante a tutoria do GTR - Grupo de Trabalho em Rede, oferecido aos professores da rede pública, tivemos a oportunidade de compartilhar o projeto com outros professores e discutir a proposta. Houve unanimidade entre os participantes a ideia de dar ênfase ao protagonismo juvenil nas escolas, em desafiá-los na produção dos conceitos e apresentar a arte em forma de fotografia.

A participação dos alunos foi muito significativa na implementação do projeto, eles contribuíram interagindo durante todo o processo o que nos deu a certeza de que valeu a pena trabalhar esse tema e que provocamos alterações positivas na sua vida e de seus familiares.

Os alunos mostram sim interesse pelos conteúdos e conhecimento, basta modificarmos a forma de apresenta-los e envolvermos eles, que o sucesso é garantido.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLO, A. (2005) **O corpo do artista na experiência estética contemporânea**. Ide, 41, 45-49.

DUFRENNE, M. (1953) **Phenomenologie de l'expérience esthétique** (Vol.I – L'objet esthétique). Paris: Presses Universitaires de France.

DUFRENNE, M. (1953) **Phenomenologie de l'expérience esthétique** (Vol.II – La perception esthétique). Paris: Presses Universitaires de France, 1953b.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Annablume,2011.

HUSSERL, E. **Ideas relativas a una fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica**, trad. De José Gáos, México, Fondo de Cultura Económico,1962, 2º ed.(1º ed. Alemã 1913).

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne**. São Paulo: Cosac & Naify. 2004.

REIS, A. C. **A experiência estética sob um olhar fenomenológico**. SP. 12pg. Artigo para programa de pós graduação – doutorado. USP. 2011.

WERLE, M. A. **Mikel Dufrenne: A Fenomenologia da Experiência Estética**. SP 10pg. Artigo para conclusão de doutorado em Filosofia. USP. 2000.